

No.151
AGO-SET-OUT
ANO 21/2011

farj@riseup.net
http://www.farj.org
Cx. Postal 14576
CEP 22410-971

Rio de Janeiro/RJ - Brasil



LIBERA

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ

O governo Dilma Rousseff, afinal, já mostra a que veio. Em artigo publicado no diário *Folha de São Paulo* (10 de outubro de 2011), os jornalistas responsáveis pela matéria elencam diversas opiniões sobre a posição do governo em relação às inúmeras greves no serviço público federal. Segundo a chamada que serve de introdução ao texto, a presidenta: “determina firmeza nas negociações”, prevendo inclusive o corte no ponto dos grevistas que, ainda segundo as fontes governistas, “insistem em fazer greve” em uma conjuntura internacional das mais adversas. Para as autoridades executivas o movimento grevista coloca em risco a política de ajuste fiscal e colabora para a concretização de um cenário de inflação no ano que vem. Perspectiva tanto mais ameaçadora uma vez que o governo adiciona à sua análise o fato de estarmos passando por uma conjuntura econômica restritiva, com desaceleração da produção e possível “contaminação doméstica” da crise internacional. Para reforço de tal tese, os órgãos oficiais divulgam que os índices do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) teriam alcançado 7,31%, como resultado dos últimos 12 meses. Dado para compor o quadro do apocalipse petista para 2012.

Com tais argumentos, fornecidos pelas “condições objetivas”, no julgamento das forças governistas, é perfeitamente cabível a medida extrema do corte de ponto dos grevistas, tanto mais por estarem as categorias em greve, supostamente, colaboran-

do para a efetivação do pior cenário relativo à economia nacional. Sobre este tema teria se pronunciado o ministro das Comunicações, ex-chefe do Planejamento, Paulo Bernardo: “Se você vê uma tempestade se formar no céu, não pode sair à rua de bermuda e camiseta. Tem que ter um guarda-chuva”. Raciocínio que mostra a determinação do governo em, a despeito da história de lutas da classe trabalhadora, transformar os sindicatos em hastes passivas para o referido guarda-chuva. Ou antes, reduzir tais entidades de classe a meros sustentáculos da política de governo, ditando desde já a pertinência ou não de suas reivindicações.

Essa nova relação entre governo e entidades de classe, entretanto, não é apenas fruto de fatores econômicos ou da mudança do *staff* nos vários escalões da burocracia governamental. Sindicatos e centrais viveram nos últimos 8 anos o que se pode chamar de um novo *boom* da atividade reivindicatória e grevista, se compararmos aos anos do governo FHC. Tal crescimento, entretanto, veio atrelado a uma grande onda de **cooptação** de lideranças que passaram a exercer cargos e a frequentar gabinetes. O sindicalismo combativo foi pouco a pouco se moldando à lógica das mesas de negociações, cada vez mais burocratizadas e surdas ao clamor dos trabalhadores das bases. Daí o claro recado transmitido pelo secretário do Ministério do Planejamento, Durvanier Paiva – “não recebemos sindicato em greve” – poder ser entendido como emblemático desse



AS GREVES E O GOVERNO DILMA

descolamento, na visão governista, entre sindicato e base.

Acostumados à suposta interlocução permanente, as entidades classistas começam a dar sinais de terem esquecido o papel das lideranças na condução dos movimentos reivindicatórios. Diante da negativa do governo ou até mesmo da total indiferença as suas demandas, sindicatos e centrais têm dispersado as categorias da luta, demonstrando pouca ou nenhuma disposição de atuar de forma mais incisiva e menos diplomática.

Tal promiscuidade, cujo resultado se estende para além da evidente postura de capitulação, até de centrais autoproclamadas “combativas”, como a CSP-CONLUTAS, oportuniza a descaracterização inclusive do quadro político habitual. Uma nova circunstância que, ainda com maiores ambigüidades, se apresenta para au-

mentar o fôlego do projeto petista, iniciado com maior definição a partir de 2002.

Setores sindicais notoriamente governistas como a CUT, na figura de seu presidente Artur Henrique, defendem, ainda que por imposição de suas bases, a pertinência de uma onda grevista neste momento (Correios, bancários, petroleiros etc). Afirmam não apenas a justeza das reivindicações, como também, a oportunidade da deflagração do movimento partidista. Alguns dentro da CUT, para estigmatizar o atual governo, já entoam a palavra de ordem “Volta Lula” com o claro propósito de impedir que o desgaste de Dilma se estenda ao ex-presidente. No entanto, não são poucas as queixas de trabalhadores de várias categorias quanto à atuação das direções sindicais ligadas à Central Única dos Trabalhadores na con-

NAS BOCAS...

“Os trabalhadores jamais poderão emancipar-se enquanto não encontrarem na união a força moral, a força econômica e a força física necessárias para dismantelar a força organizada dos opressores.”

Errico Malatesta

dução de seus movimentos grevistas. Se assim se mantiver a posição dos ministérios, principalmente do Planejamento e Fazenda, e da própria presidência, não fica difícil imaginar que o governo Dilma, quando estiver próximo o seu final, terá representado para o consulado petista uma “descontinuidade”, um desvio, passível de correção com a volta de Lula. Seriam assim, os quatro anos de Dilma, *mutatis mutandis*, um equivalente diminuto aos oito anos de FHC. Um período que, confirmada essa hipótese, terá se caracterizado pelo reforço da pauta neo-liberal na agenda do governo. Um quadro geral de alternância que, não apenas pode garantir o retorno triunfal de Lula, na pior tradição personalista, como ainda,

manter as ambiguidades deste fenômeno político que é o **populismo** petista no Brasil.

O certo é que, para os trabalhadores, a única alternativa é a **luta organizada a partir das bases**, pautada não pela lógica deste ou daquele governo, mas pelas necessidades das categorias e pela construção de uma nova forma de organização social. Às entidades de classe, o momento se apresenta como desafio a reencontrar nas ruas, nas fábricas, nas escolas e não nos gabinetes, o espírito de luta daqueles precursores da organização dos trabalhadores no Brasil, que muito antes de Lula, PT e CUT, construíram a história da luta de classes neste país.



O Anarquismo Especifista no Nordeste do Brasil

A História do Anarquismo no Nordeste não é tão recente quanto se pensa. A participação e influência da militância anarquista nesta região, que hoje conhecemos como Nordeste do Brasil, pode ser facilmente notada na imprensa e nas diversas associações de trabalhadores desde o começo do século passado, quando o Anarquismo contava com forte enraizamento nas lutas e mantinha firme seu vetor social. Trazer à luz tal História deve ser uma de nossas tarefas, pelo aprendizado adquirido com o conhecimento das experiências de outrora, como forma de respeito à memória de companheiros e companheiras que tanto fizeram junto aos oprimidos e explorados dessas terras e pela própria ideologia que reivindicamos.

O Capitalismo, sistema de organização e dominação social alicerçado na exploração e opressão das classes trabalhadoras, longe de caminhar evolutivamente para sua própria destruição ou ser engolido por suas próprias crises, como advogaram muitos teóricos da tradição socialista autoritária, avança vencendo essas mesmas crises, reorganizando suas contradições e (re)modelando formas de opressão e restrição da liberdade.

Isso nos faz acreditar que não podemos esperar o capitalismo cair por si só, muito menos adotar uma postura apenas de resistência aos efeitos das tensões pelas

quais passa o mundo do capital e suas instituições. Faz-nos acreditar que, antes de tudo, é urgente a necessidade dos trabalhadores contra-atacarem às classes privilegiadas e sua instituição mantenedora da miséria, o Estado. Para isso, urge novamente a vital organização do nosso povo, com a firme disposição de enfrentamento aos patrões e governos.

Dentro desse panorama, é importante destacar que entendemos como os protagonistas das lutas sociais aqueles que para nós devem construir uma transformação social radical do mundo em que vivemos, no sentido de substituir o sistema de dominação social do capital por outro baseado na liberdade, na igualdade e na solidariedade. Algumas correntes socialistas, fiéis a sua raiz ideológica, seguem mantendo o “fetiche” de que apenas os operários urbanos e das fábricas são os protagonistas de uma verdadeira transformação da sociedade; disseminando um forte desprezo pelos setores mais oprimidos e explorados do nosso povo e demonstrando a falta de entendimento político pelo apego a um centralismo caduco e equivocado. Para estas correntes, os únicos “sujeitos revolucionários” são os operários – “que sujam os macacões nas fábricas” – em detrimento do conjunto do proletariado, entendidos aqui enquanto o conjunto dos/as trabalhadores/as, inclusive os/

as desempregados/as, e das comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, pescadores e etc).

Resumir nossa atenção e esforço militante a um único setor, por mais importante que este seja, é cair em um erro já alertado por Mikhail Bakunin, desde a segunda metade do século XIX. A revolução apenas dos trabalhadores fabris e das cidades é insuficiente para dar conta de um processo avançado de lutas que nos leve a uma “vitória duradoura” pela transformação radical da sociedade. Com essa visão que restringe os sujeitos sociais da mudança, no máximo o que conseguiríamos seria uma revolução política, parlamentar, onde caberia apenas mais o reforço da ordem estatal e quimérica do Estado. Neste sentido é que enfatizamos a necessidade de uma Revolução Social, que enseje em seu bojo uma transformação das estruturas políticas, obviamente, mas que traga fundamentalmente transformações das estruturas econômicas e sociais. Uma revolução que possibilite criar uma nova sociedade, construída por homens e mulheres livres e iguais, e não mais uma revolução que conduza apenas ao reflexo desta (des)ordem de injustiça e opressão do mundo atual.

O Nordeste do Brasil, durante séculos uma região marcada pelo latifúndio e suas graves consequências – as mais visíveis sendo o coronelismo e o assujeitamento racista de índios e negros –, vem sofrendo um forte e intenso avanço do capital nas últimas décadas, sob a justificativa de diminuir a histórica desigualdade econômica existente nas diferentes regiões do Brasil. O número de investimentos avança não somente em apoio à empresa turística perpetrada pelos Estados nordestinos e sua burguesia, com foco no litoral e suas belezas naturais, mas também avança no interior, nas regiões mais afastadas, em diferentes setores como energia, mineração, comércio, construção civil etc. É forte o incentivo para as indústrias que querem se instalar em nossa região e explorar a firme disposição de nosso povo para incrementar o roubo dos empresários e gerar cada vez mais lucros aos capitalistas. Como exemplo disso, temos a transposição de águas do “velho Chico”, o canal do sertão em Alagoas, construção de usinas de energia térmica a carvão, implantação de parques de energia eólica, instalação de refinarias de petróleo, ampliação de pólos produtores de alimentos para exportação, estaleiros, instalação de montadoras de automóveis, construção de

vários resorts e hotéis no litoral – entre outros mega-empresendimentos imobiliários destruidores do meio ambiente e de modos de vida tradicionais –, e tantos inúmeros exemplos mais que demonstram a disposição do capitalismo em recolonizar essa região que há muito deixou de lado, tratando como a “periferia” da produção e da acumulação do capital nacional.

Tendo em vista isso, não podemos mais considerar a região em que vivemos como afastada dos pólos econômicos e de produção no Brasil, pois atualmente o alvo do capital e de sua sanha destruidora se voltam para outros lugares além dos “centros” políticos e econômicos. Temos que pensar nossa atuação, enquanto anarquistas organizados, neste processo. Não se pode pensar nos estados ao sul do Brasil como lugares nos quais a luta de classes se apresenta com mais intensidade que em outros lugares do país, pois se assim fizessemos validaríamos a idéia marxista de que os setores avançados do proletariado estariam necessariamente nas regiões mais industrializadas. Não se justifica essa idéia de que, na participação em um processo de lutas e numa conseqüente transformação, as regiões ditas “periféricas” estão fatalmente condenadas a seguir a reboque dos centros de poder econômico e político. Para nós, todo setor explorado e oprimido é potencialmente revolucionário, não apenas um setor que conduzirá todo o processo, não há preponderância do operariado fabril e das cidades. A nossa fraternidade é entre todos os nossos pares, irmãos de luta e que, explorados hoje, se dispõem à construção de um novo mundo. A Revolução será integral e global, ou não será.

Poder popular, autogestão e federalismo fazem parte de nossos princípios, portanto inegociáveis e inflexíveis. Assim, o protagonismo dos setores explorados e oprimidos, dos campos, das cidades e das florestas, das diversas regiões brasileiras, latino-americanas e mundiais; indígenas, desempregados, pescadores, operários, professores e todos outros, é fator indispensável se almejamos com sinceridade a construção de um mundo novo, de uma nova forma de vida. Somente conquistada por meio da transformação revolucionária desta sociedade e a construção de uma nova organização social baseada na autogestão, na democracia direta, na solidariedade e na fraternidade entre iguais.

Sabemos que esta não é uma tarefa fácil. O momento exige uma força hercúlea, mas nós, por estas bandas, estamos seguindo, com esforço e dedicação militante. Como “cabras valentes”, como uma mulher que luta para não ter sua casa (e sua memória) removida por causa de obras de infra-estrutura do capitalismo; como trabalhadores e trabalhadoras que lutam a partir das bases em seus locais de trabalho; como comunidades tradicionais que se mantêm firmes e em luta para alcançar e manter algumas mínimas e fundamentais conquistas, após terem sido roubados em seus direitos essenciais ao longo de tanto tempo; como todos aqueles e aquelas que não “arredam o pé” da luta contra todas as formas de opressão e dominação a que estão submetidos neste mundo de miséria, morte e sofrimento.

Caminhamos com o punho ao alto, e certos de que esta é a estrada que nos leva ao objetivo almejado: a igualdade

econômica e política de todos/as e a liberdade em seu mais alto grau de expressão, e não um mero privilégio comprado e sustentado pelos capitalistas e administradores do Estado. E que essas aspirações tornem-se, no trilhar do nosso percurso de luta, uma expressão real da vitória dos oprimidos e explorados deste mundo.

Assinam esta declaração:

Coletivo Anarquista Núcleo Negro (CANN) – Pernambuco

Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares (CAZP) – Alagoas

Coletivo Libertário Delmireense (COLIDE) – Alagoas

Organização Resistência Libertária (ORL) – Ceará

Reunidos no I Encontro do Anarquismo Especificista do Nordeste, Maceió – Alagoas, nos dias 08 e 09 de outubro de 2011.



Apresentação do Coletivo Anarquista Bandeira Negra

Nossa concepção organizativa do anarquismo

Todos os membros e interessados em integrar o coletivo devem concordar, defender e aplicar esta concepção de anarquismo, que consideramos o mínimo necessário para o início dos trabalhos conjuntos. O anarquismo defendido pelo grupo vincula-se à proposta do anarquismo especificista do Fórum do Anarquismo Organizado (FAO), composto por diversas organizações pelo Brasil, dentre elas a Federação Anarquista Gaúcha e a Federação Anarquista do Rio de Janeiro. Esse anarquismo é compreendido a partir dos princípios políticos e ideológicos e pela sua estratégia geral colocados a seguir.

Princípios políticos e ideológicos

- Do anarquismo como ideologia e, assim, como um sistema de idéias, motivações e aspirações que possuem necessariamente uma conexão com a ação no sentido de transformação social, a prática política.
- De um anarquismo em permanente contato com a luta de classes dos movimentos populares de nosso tempo e funcionando como ferramenta de luta e não como pura filosofia ou em pequenos grupos isolados e sectários.

- De um conceito de classe que inclui todas as parcelas de explorados, dominados e oprimidos da nossa sociedade.
- Da necessidade do anarquismo retomar seu protagonismo social e de buscar os melhores espaços de trabalho.
- Da revolução social e do socialismo libertário como objetivos de longo prazo.
- Da organização como algo indispensável e contrária ao individualismo e ao espontaneísmo.
- Da organização específica anarquista como fator imprescindível para a atuação nas mais diversas manifestações da luta de classes. Ou seja, a separação entre os níveis político (da organização específica anarquista) e social (dos movi-

mentos sociais, sindicatos, etc.).

h) Da organização anarquista como uma organização de minoria ativa, diferenciando-se esta da vanguarda autoritária por não se considerar superior às organizações do nível social. O nível político é complementar ao nível social e vice-versa.

i) De que a principal atividade da organização anarquista é o trabalho/inserção social em meio às manifestações de luta do povo.

j) De que a ética é um pilar fundamental da organização anarquista e que ela norteia toda a sua prática.

k) Da necessidade de propaganda e de ela ter de ser realizada nos terrenos mais férteis ao desenvolvimento do anarquismo.

l) Da organização funcionando com distintos níveis de participação/comprometimento, dando corpo a uma forma de organização em que o compromisso está diretamente associado com o poder de deliberação. Da mesma maneira, uma organização que proporcione uma interação eficiente com os movimentos populares.

m) De que a organização deve possuir critérios claros de entrada e posições bem determinadas para todos que queiram ajudar (níveis de apoio/colaborador).

n) Da autogestão e do federalismo para a tomada de decisões e articulações necessárias, utilizando a democracia direta.

o) A busca permanente do consenso, mas, não sendo possível, a adoção da votação como método decisório.

p) Do trabalho com unidade teórica, ideológica e programática (estratégica/de ação). A organização constrói coletivamente uma linha teórica e ideológica e da mesma forma determina e segue com rigor os caminhos definidos, todos remando o barco no mesmo sentido, rumo aos objetivos estabelecidos.

q) Do compromisso militante e da responsabilidade coletiva. Uma organização com membros responsáveis, que não é complacente com a falta de compromisso e a irresponsabilidade. Da mesma forma, a defesa de um modelo em que os militantes sejam responsáveis pela organização, assim como a organização seja responsável pelos militantes.

r) Os militantes que compõem a organização têm, necessariamente, de estar inseridos em um trabalho social, bem

como se ocupar de atividades internas da organização (secretarias, etc.). [*]

[*] Durante o processo organizativo os membros que ainda não tiverem realizando trabalho social devem buscar realizá-lo discutindo coletivamente os espaços possíveis/desejáveis.

Estratégia geral

A estratégia geral do anarquismo que defendemos baseia-se nos movimentos populares, em sua organização, acúmulo de força, e na aplicação de formas de luta avançada, visando chegar à revolução e ao socialismo libertário. Processo este que se dá conjuntamente com a organização específica anarquista que, funcionando como fermento/motor, atua junto aos movimentos populares e promove as condições de transformação. Estes dois níveis (dos movimentos populares e da organização anarquista) podem ainda ser complementados por um terceiro, o da tendência, que agrega um setor afim dos movimentos populares.

Essa estratégia, portanto, tem por objetivo criar e participar de movimentos populares, defendendo determinadas concepções metodológicas e programáticas em seu seio, de forma que possam apontar para um objetivo de longo prazo, que se consolida na construção da nova sociedade.

Construindo um Grupo

Anarquista Organizado (GAO)

O grupo anarquista organizado é a semente da organização anarquista. Propomos um caminho para iniciar um grupo anarquista organizado (GAO):

Divisão de tarefas básicas: os trabalhos internos regulares devem ser divididos entre os militantes. Isso evita que alguns fiquem sobrecarregados e outros com poucas tarefas, tornando a participação mais horizontal. Sugerimos algumas funções para o grupo:

- companheiro de organização: encarregado de relatar os acordos e decisões das reuniões, repassá-los aos demais, montar um calendário, convocar as reuniões, organizar os materiais internos do grupo;
- companheiro de propaganda: encarregado de pensar e propor políticas de comunicação e materiais de propaganda do grupo. Ex: boletim, site, panfletos;
- companheiro de finanças: faz a tesouraria do grupo, arrecada as contribuições periódicas dos militantes, pensa formas de arrecadar grana e estrutura

para o grupo;

d) companheiro de relações: cuida das cartas, caixa postal, e-mails, conversas com outros grupos anarquistas, de esquerda e/ou movimentos populares;

e) companheiro de formação política: encarregado do debate de formação interno do grupo, levanta temas, pesquisa e separa materiais, procura cursos, ajuda os demais em sua formação política, etc;

Esta divisão não é rígida. O companheiro de propaganda coordena o boletim, por exemplo, mas nada impede que os demais dêem idéias, escrevam, ajudem, etc. O mesmo vale para as demais funções.

Reunião: é fundamental que sejam regulares, pois é a única forma do grupo debater e planejar suas ações coletivamente.

Comunicação do grupo: abrir uma caixa postal para correspondência, um e-mail e site para internet e publicar um boletim,

permitindo que o grupo seja conhecido pelas pessoas.

Método decisório: é a busca do consenso, com todos participando de forma igualitária do debate. Quando não se chegar ao consenso e a questão exigir decisão, vota-se o ponto e o grupo todo acata o que foi decidido. A posição minoritária e sua argumentação deverão constar em ata para avaliação posterior.

Tarefas básicas de cada militante: uma função interna (organização, finanças, propaganda, relações e formação política); uma militância externa social em alguma frente; participar das reuniões e contribuir com o grupo.

A íntegra deste documento pode ser acessada em: <http://www.cabn.libertar.org/?p=27>. Contato: ca-bn@riseup.net

Florianópolis/SC – agosto de 2011



150 números do informativo em formato pdf, bem como depoimentos de leitores novos e antigos. O CD pode ser enviado pelo Correio pelo preço de R\$15,00. Pedidos e informações pelo email: farj@riseup.net

Luta Social em Vila Isabel: Lançado o livretinho de Milton Lopes intitulado *Luta Social em Vila Isabel*, que narra as origens e a trajetória movimento social no bairro onde está situado o *Centro de Cultura Social (CCS-RJ)*, enfatizando a luta do operariado consciente da fábrica de tecidos Confiança e do educador e militante anarquista Pedro Matera. O livretinho pode ser enviado pelo Correio pelo preço de R\$10,00. Pedidos e informações pelo email: farj@riseup.net

Despejos de Ocupações: Prossiguem os despejos e os desalojos no Rio de Janeiro. Foram atingidas as ocupações *Flor do Asfalto*, no centro da cidade e *Guerreiros Urbanos*, em Santa Teresa. Tentativa de despejo também na ocupação localizada na ladeira do Russel, na Glória no mesmo mês. O porto e a cidade “maravilha”, iniciativa do capital especulativo e financeiro prossegue fazendo suas vítimas. Fica registrada aqui nossa solidariedade. Que os próximos anos sejam de reorganização e de luta contra os empreendimentos do grande capital.

Mulheres Resistem!: Este é o nome do coletivo feminista vinculado a tendência **Resistência Popular** que foi recentemente fundado. Segundo as compas, “*O protagonismo da mulher na luta feminista é mais que justo, pois somos nós que sentimos e vivenciamos os valores e concepções de mundo determinados por um grupo dominante, sendo assim tomamos a responsabilidade de lutar para que a sociedade reconheça que mulheres e homens se equivalem, e que ambos tenham condições dignas de vida.*” Vida longa a luta contra a opressão machista, vida longa à “Mulheres Resistem!” **Lugar de mulher é na luta!**

55 anos da fAu: Em outubro a *Federação Anarquista Uruguia* completou 55 anos de luta e seguindo adiante com a proposta do anarquismo organizado. A FARJ enviou um delegado para saudar esta importante data e participar de uma atividade pública, na sede da fAu, juntamente com companheiros da FAG, OASL, FACA (AR) e CGT (ES). Cada organização apresentou um tema, e em seguida foi aberta

a discussão. No dia seguinte deu-se o ato de aniversário no antigo Teatro Stella. Na platéia, antigos e novos militantes, companheiros e simpatizantes do anarquismo ocupando quase todas as cadeiras. Os viejos Carlos Mechoso e Juan Pilo fizeram falas entusiasmadas ao repassarem um pouco da trajetória da organização e lembrarem, com emoção, de alguns saudosos companheiros que já não estão mais presentes na luta. Um companheiro da FAG fez uma falação em nome do FAO, além do delegado da CGT e outros militantes da fAu. Entremeados aos discursos tivemos uma apresentação musical e a leitura das saudações de várias organizações anarquistas. Comemorar este aniversário com nossos irmãos uruguaios é algo que nos alegra, além de significar uma importante experiência ao se tomar contato com alguns trabalhos e com um pouco das lutas em que os companheiros se inserem atualmente. Aprendendo com este acúmulo de mais de cinco décadas vemos a importância de seguir projetando o passado no presente para se construir o futuro.

Arriba los que luchan!!!

Biblioteca Social Fábio Luz

Fundada em 18 de novembro de 2001

Nosso acervo compreende livros sobre anarquismo, mov. operário, biografias, história, filosofia, literatura, ciências sociais, além de periódicos, fanzines e DVDs.

Rua Torres Homem 790,
Vila Isabel - CCS/RJ
sábados de 09h às 17h
fabioluz@riseup.net

Subscrição do Libera

Os seguintes companheiros contribuíram com o Libera:

Alga	Peroba Ungida
CALC	Poressasbandas
Durden Poulain	Rudesindo
Katonigra	

Superavit subscrição do Libera #150:
R\$ 198,65

Apoie você também!

farj@riseup.net

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

20 anos do jornal Mutirão: Na época que o *Libera* era apenas um boletim artesanal, foi lançado no Rio de Janeiro o jornal *Mutirão*, uma das principais publicações anarquista do país no início dos anos 1990. Foram editados 5 números entre 1991 e o início de 1992, que estão sendo digitalizados pelo *Núcleo de Pesquisa Marques da Costa* e, em breve, serão disponibilizados ao público. No dia 5 de novembro o companheiro Maurício Saraiva, ex-membro do Grupo Mutirão, irá realizar uma palestra intitulada “20 anos do Mutirão” na UFRuralRJ, para os alunos do curso de Licenciatura e Educação no Campo, com o apoio da Frente Anarquismo e Natureza (FARJ).

Semana de História na UERJ: João Henrique Oliveira, integrante do *Núcleo de Pesquisas Marques da Costa (NPMC)*, apresentou, no dia 21 de outubro, a comunicação “*Ressignificando o fazer político: anarquismo, contracultura e imprensa alternativa no Brasil (1969-1992)*”, durante a VI Semana de História Política da UERJ. O trabalho – incluído na mesa “Estado e Imprensa: entre ideologias e novas perspectivas” – é um resumo da dissertação de mestrado “*Do underground brotam flores do mal: Anarquismo e contracultura na imprensa alternativa brasileira (1969-1992)*”, defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF). Durante a comunicação, foram expostos os principais fatos que marcaram a atuação anarquista no Brasil depois do golpe de 1964, com destaque para a repressão aos integrantes do *Centro de Estudos Professor José Oiticica (CE-PJO)*, em 1969, e a publicação do jornal *O Inimigo do Rei*, que, entre 1977 e 1988, reuniu em suas páginas grupos libertários que criticavam tanto as arbitrariedades do regime militar quanto o autoritarismo dos partidos marxistas. Também foi lembrada a trajetória dos militantes anarquistas no Rio de Janeiro durante os anos 1980 e 1990, que, ao lado de Ideal Peres, deram início ao *Círculo de Estudos Libertários (CEL)* – que depois se tornaria CELIP – e ao informativo *Libera...Amore Mio!* Nesse sentido, o companheiro do NPMC sublinhou os 20 anos do periódico, destacando-o como um dos mais duradouros jornais independentes do país – tanto em termos de imprensa especificamente anarquista quanto em relação ao universo da chamada “imprensa alternativa” no Brasil.

20 anos do Libera: Já está disponível o CD “20 anos do Libera”, com todos os

endereços libertários: FARJ 2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * BRASIL: FAO www.vermelhoenegro.org * ORL - CE resistencialibertaria@riseup.net * FASP www.anarquismosp.org * FAG www.vermelhoenegro.org/fag * Rusga Libertária - MT <http://rusgalibertaria.blogspot.com> * CAZP - AL www.cazp-al.blogspot.com * Pró-CAO <http://pro-cao.blogspot.com> * GEIPA <http://www.geipajoinville.blogspot.com> * VN - BA www.vermelhoenegrofae.wordpress.com * CALC <http://coletivoanarquistalutadeclasse.wordpress.com> * ÁFRICA DO SUL: ZACF www.zabalaza.net * ARGENTINA: OSL www.osl.org.ar * Red Libertaria www.red-libertaria.net * CLJP www.cljp.com.ar * COLÔMBIA: RLPMK <http://www.redlibertariapmk.org> * BOLÍVIA: OARS <http://www.oars.tk> * CHILE: OCL ocl.chile@gmail.com * CAL <http://labatalladelostrabajadores.blogspot.com> * COSTA RICA: Pró-FAC (Círculo de Estudos la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> * FRANÇA: CNT Vignoles www.cnt-f.org * MÉXICO: AMZ <http://espora.org/amz> * CAMA <http://espora.org/cama> * PERU: USL www.uslperu.blogspot.com * URUGUAI: Colectivo Pró-OSL * FAU www.nodo50.org/fau * CSL <http://periodicorjoynegro.blogspot.com> * EUA/CANADÁ: NEFAC www.nefac.net * UCL www.causecommune.net * ITÁLIA: FDCA www.fdca.it * IRLANDA: WSM www.wsm.ie * ESPANHA: CNT www.cnt.es * CGT www.cgt.org.es * www.anarkismo.net



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * BRASIL: FAO www.vermelhoenegro.org * ORL - CE resistencialibertaria@riseup.net * FASP www.anarquismosp.org * FAG www.vermelhoenegro.org/fag * Rusga Libertária - MT <http://rusgalibertaria.blogspot.com> * CAZP - AL www.cazp-al.blogspot.com * Pró-CAO <http://pro-cao.blogspot.com> * GEIPA <http://www.geipajoinville.blogspot.com> * VN - BA www.vermelhoenegrofae.wordpress.com * CALC <http://coletivoanarquistalutadeclasse.wordpress.com> * ÁFRICA DO SUL: ZACF www.zabalaza.net * ARGENTINA: OSL www.osl.org.ar * Red Libertaria www.red-libertaria.net * CLJP www.cljp.com.ar * COLÔMBIA: RLPMK <http://www.redlibertariapmk.org> * BOLÍVIA: OARS <http://www.oars.tk> * CHILE: OCL ocl.chile@gmail.com * CAL <http://labatalladelostrabajadores.blogspot.com> * COSTA RICA: Pró-FAC (Círculo de Estudos la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> * FRANÇA: CNT Vignoles www.cnt-f.org * MÉXICO: AMZ <http://espora.org/amz> * CAMA <http://espora.org/cama> * PERU: USL www.uslperu.blogspot.com * URUGUAI: Colectivo Pró-OSL * FAU www.nodo50.org/fau * CSL <http://periodicorjoynegro.blogspot.com> * EUA/CANADÁ: NEFAC www.nefac.net * UCL www.causecommune.net * ITÁLIA: FDCA www.fdca.it * IRLANDA: WSM www.wsm.ie * ESPANHA: CNT www.cnt.es * CGT www.cgt.org.es * www.anarkismo.net